

INTEGRALISMO: O FASCISMO BRASILEIRO EM SANTA CATARINA

João Henrique Zanelatto*

Avante! Avante!
Pelo Brasil, toca a marchar!
Avante! Avante!
Nosso Brasil vai despertar
Avante! Avante!
Eis que desaponta outro arrebol!
Marchar que é a Primavera
Que a Pátria espera:
É o nosso sol!
Eia! Avante, brasileiros,
Mocidade varonil!
Sob as bênçãos do Cruzeiro,
Anauê, pelo Brasil!
Avante! Avante!
Pelo Brasil toca a marchar!
Avante! Avante!
Nosso Brasil vai despertar!
Olha a Pátria que desperta,
Mocidade varonil!
Marcha! Marcha e branda,
Alerta
Anauê, pelo Brasil!¹

O integralismo, no contexto entre guerras, em plena década de 1930, avançava e se expandia para boa parte do território brasileiro. Em 1937, a Ação Integralista Brasileira contava com mais de um milhão de adeptos.² Esse crescimento pode ser percebido quando fazemos um comparativo entre o número de inscrições efetuadas entre 1933 a 1937. Conforme o Monitor Integralista³, ao final de 1933, a AIB contava com vinte mil inscritos, em 1934, passou para cento e oitenta mil, em 1935, o número saltou para trezentos e oitenta mil, em 1936 chegou a novecentos e dezoito mil e, finalmente, em 1937, já havia mais de um milhão de pessoas inscritas. Mesmo que esses dados contenham um certo grau de exagero e possam ser contestados, não se pode negar o grande crescimento da AIB em todo o Brasil.⁴

* Doutor em História pela PUCRS, professor do curso de história e economia da UNESC, líder do grupo de pesquisa “História Econômica e Social de Santa Catarina.” (jhz@unescc.net).

¹ Protocolos e Rituais, Cap.VI, Art. 51.

² *Monitor Integralista*, 7 de outubro de 1937. Ano V, n.22, p. 4.

³ *Idem*, p. 4.

⁴ Segundo GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 5, 1984, p. 17, a AIB possuía 600.000 inscritos em todo o Brasil. Já ARAÚJO,

Em Santa Catarina, não foi diferente, pois “apesar de se tratar de um Estado relativamente pequeno, no qual viviam apenas um milhão dos quarenta milhões de habitantes do Brasil, havia nele segundo estatísticas integralistas, o terceiro maior contingente de filiados à AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia”.⁵

Os estudos sobre o integralismo no Brasil parecem ganhar fôlego nas décadas de 1970 e 1980. Na historiografia brasileira, neste período observa-se uma quantidade significativa de obras tematizando a AIB. Quando se faz um levantamento dessa produção, constata-se a existência de um número razoável de trabalhos sobre o tema com as mais diversas perspectivas de abordagens. Encontram-se teses acadêmicas, ensaios e artigos produzidos em diferentes áreas do conhecimento.⁶

Esse crescimento nos estudos em torno do integralismo no período parece se confundir com a renovação dos estudos em torno da história política. A renovação da história política pode ser observada também em diversos aspectos: os temas tradicionais, como os partidos, eleições, guerras ou biografias não foram abandonados, porém trabalhados em uma nova perspectiva, opinião pública, mídia ou discurso foram incorporados como novos objetos de análise; o contato com outras disciplinas como a sociologia, a antropologia, a lingüística, contribuíram para a produção de trabalhos sobre a sociabilidade, análise de discurso, ideologias, “mentalidades coletivas” e a cultura política. Assim, observa-se que a renovação da história política passou pela interdisciplinaridade. Acrescenta-se a isso que a nova história política “preenche todos os requisitos necessários para ser reabilitada. Ao se ocupar com o do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo

Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 25, ao colocar o integralismo como o primeiro partido de massa destaca que em 1935 havia 1.123 grupos organizados em 538 municípios com cerca de 400.00 adeptos distribuídos de norte a sul do país.

⁵ GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 172.

⁶ Dentre as obras que abordam a temática em nível nacional, destaca-se: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, Porto Alegre: UFRGS, 1974. CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra CEDEC, 1978.

os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central”.⁷

Uma outra dimensão ocorrida na esteira desta renovação estava ligada à noção de paixão usada recentemente por Pierre Ansart, ao trabalhar com afetividade política, do amor e do ódio, das emoções e dos sentimentos, que acompanham a vida política. Dos momentos de angústia e revolta ou de simpatia e afeição.⁸

Também na década de 1990, Jean-François Sirinelli percebeu, na emergência da nova história cultural, o ressurgimento da história política. A aproximação da cultura com a história política possibilitou a incorporação por esta última de novos objetos e recortes: são perspectivas de abordagens ligadas ao imaginário social e à representação. Segundo Sirinelli, a política vista a partir do universo cultural contribuiu para um maior entendimento da complexidade das relações sociais.⁹

Esse processo de renovação e valorização da história política refletiu-se também em trabalhos de âmbito regional. As análises sobre integralismo em âmbito regional apontaram para várias peculiaridades e singularidades. No sul do Brasil, uma das regiões nas quais o integralismo teve grande aceitação, observa-se que o Rio Grande do Sul possui uma vantagem no que tange à quantidade de obras acadêmicas sobre a AIB, a diversidade de abordagens e o aprofundamento nas análises¹⁰, quando comparados ao Paraná¹¹ e a Santa Catarina.

⁷ RÉMOND, René. *Por uma história política*, 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 7.

⁸ ANSART, Pierre. *Lês Cliniciens des passions politiques*, Paris: Senil, 1997, p. 7. Ainda sobre essa dimensão ver: JACY, A. Seixas; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (org.). *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

⁹ SIRINELLI, Jean-François. L'Histoire Politique et culturelle Sciences Humaines. *Hors Série*, nº 18, sep/oct 1997, p. 36-39.

¹⁰ Sobre os estudos do integralismo no Rio Grande do Sul ver: TRINDADE, Héglio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (org.) *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. GERTZ, René. O integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. PESAVENTO, Sandra J. *O imigrante na política rio-grandense*. In: DACANAL, José H. GONZAGA, Sérgio. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. CASSOL, Ivone Maria. Integralismo e imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937). In: TRINDADE, Héglio. *Revolução de 30: partido e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980. GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991. BRANDALISE, Carla. *O facismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992, Dissertação de Mestrado. CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, Dissertação de Mestrado. BARRERAS, Maria J. Lanzotti. *Dario de Bittencourt 1901-1974. Uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998. BERTONHA, João Fábio. *Entre a bombacha e a camisa negra: nota sobre a ação do facismo italiano e do integralismo*

Em Santa Catarina ainda são pouquíssimas as obras sobre a AIB, o que causa certa estranheza diante do fato que neste Estado havia o terceiro maior número de adeptos do país. Pode-se dizer que as duas obras referenciais sobre a temática no estado são as de Gertz e Falcão e recentemente a tese de Zanelatto¹². Os demais trabalhos encontrados sobre o Integralismo no estado abordaram a organização da AIB em âmbito municipal: sobre Joinville há uma dissertação de mestrado defendida na UFSC¹³, sobre Jaraguá do Sul, dois livros, sendo que um faz uma descrição da AIB no município¹⁴ e o outro è um romance.¹⁵ Os demais trabalhos são constituídos de monografias de graduação e especialização, e artigos científicos.¹⁶ Quanto ao sul

no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero- Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 247-268, dezembro de 1998. GERTZ, René. Nazismo, facismo, integralismo e o apoio da oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo. *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, julho de 1998. SILVA, Carla Luciana da S. CALIL, Gilberto G. *Velhos integralistas: a memória dos militantes do signo*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2000. PISTORELLO, Daniela. “Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2001, Dissertação de Mestrado. CALIL, Gilberto G. *O integralismo no pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001. IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001. MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: Pucrs, 2003, Dissertação de Mestrado. TANINI, Veridiana M. *Relação de amor e ódio: o caso Wolfran Metzler (Integralismo, PRP e igreja católica 1932-1957)*. Passo Fundo: Ed. Universidade Passo Fundo, 2003.

¹¹ Quanto às obras sobre o integralismo no Paraná destaca-se CHAVES, Niltonci Batista. *O diário dos campos: discursos e representações sociais em Ponta Grossa (Paraná) década de 1930*. Assis, 1998. Dissertação de Mestrado. SZVARÇA, Décio e CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto verde em Curitiba. *História: questão e debates*. Curitiba, APAH, jun-dez, 1989. CHAVES, Niltonci Batista. A saia verde está na ponta da escada!:_as representações discursivas do diário dos Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*. vol. 4, n. 1, 1999. ALMEIDA, Beatriz Raize T. de. *O facismo italiano e o integralismo no Paraná no período entre guerras (1919-1945)*. 2003. Monografia de Graduação. DITZEL, Carmencita de Holleben M. *Manifestações autoritárias: o integralismo nos campos gerais (1932-1955)*. Florianópolis, UFSC, 2004, Doutorado em História.

¹² ZANELATTO, João Henrique Zanelatto. *Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930*. Porto Alegre. PUCRS, 2007. (Tese de Doutorado em História).

¹³ CAVALETT, Lauci Aparecida. *O Integralismo e o Teuto Brasileiro: Joinville, 1930-1938*. Florianópolis, UFSC, 1998, Dissertação de Mestrado em História.

¹⁴ SCHMOCKEL, Eugênio Victor. *Memória Jaraguaense: o integralismo. O “Estado Novo” – 60 anos. “A noite dos tambores silenciosos” e o Assassinato de Ricardo Gruenwaldt*. Jaraguá do Sul: Gráfica Editora, 1997.

¹⁵ SCHOROEDER, Carlos Henrique. *A rosa verde*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Jaraguá do Sul: Ed. da UNERJ, 2005.

¹⁶ FUCK, Márcia Allage; e SACHWEH, Maria da Salete. As interferências do movimento integralista na formação do homem de Canoinhas. *Revista de Divulgação Científica da Universidade do Contestado, Caçador (SC)*, v. 12, n. 2, p. 218-219, dez/2003. UNGER, Beatriz Garcia. *Joinville: uma ideologia em marcha*. Joinville, 1989, Monografia de Especialização. *O Integralismo em Blumenau: histórico e estatística: Blumenau em Cadernos*. Blumenau: v. 40, n.11/12, nov/dez 1999. p. 26-44. WAHLE, Sigfried Carlos. O integralismo no Vale do Itajaí. *Blumenau em Cadernos*: v. 39, n. 02, fev 1998, p. 33-37. GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. N. 5, p.16-28, 1984. HARTMANN, Sílvia. *Os joinvilenses e a ação integralista brasileira nos*

catarinense, foi encontrado uma monografia de especialização¹⁷ e recentemente foram produzidos um artigo¹⁸ e duas monografias todas orientadas por este autor.

O integralismo começou a ser organizado em Santa Catarina a partir de 1934. Seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí e norte do estado, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente aos grupos políticos que estavam no poder do estado. Quanto ao sul catarinense, observa-se que a difusão do integralismo ocorreu não só entre os imigrantes e descendentes de italianos e alemães, mas também entre os luso-brasileiros aqui estabelecidos muito antes da chegada dos imigrantes europeus.

O crescimento do integralismo ocorreu dentro de um cenário de disputas e tramas ocorridas pelo espaço e pelo poder no pós-30 na política tanto no âmbito regional quanto local. Neste cenário, destaca-se o campo político, entendido como “o lugar por excelência, da eficácia simbólica”; a política é uma “ação que se exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo, grupos”.¹⁹ Em âmbito regional, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes do Vale do Itajaí e norte do estado vivenciaram uma série de enfrentamentos que denunciavam o jogo do poder. No Sul Catarinense os enfrentamentos e as disputas pelo poder se deram no âmbito local entre os imigrantes e os descendentes versus luso-brasileiros. Para além da ação político-partidária, a formação dos grupos dirigentes não se pode esquecer a dinâmica econômica e cultural específicas de cada região ou localidade.

Neste texto, pretende-se abordar a instalação do Integralismo em Santa Catarina, a sua organização nos municípios catarinenses: a constituição dos núcleos e sub-núcleos. Aponta-se para as motivações desta grande aceitação da AIB em todo o estado

anos de 1934 a 1936. Joinville: UNIVILLE, 2002. Monografia de graduação. WERLE, Marcelo. *Aspectos básicos da formação política integralista em São Carlos*. Caderno de CEOM. Chapecó: Grifos, 1996. LOBMANN, Helena. O integralismo na comunidade de São Carlos. In: HASS, Mônica (org.) *Partidos eleições e voto*. Chapecó: Argus, 2003.

¹⁷ GABRIEL, Rosa Maria C. *O integralismo no rio Jundiá*. Criciúma: Unesc, 1993, Monografia de Especialização.

¹⁸ SABINO, Anselmo Teles; e GHISLANDI, Chairlene Nuernberg. *A ação integralista no Sul de Santa Catarina na década de 1930*. *Tempos Acadêmicos*: Revista do Curso de História: Unesc. Criciúma, n. 2, 2004. GHISLANDI, Chailene N. *Os camisas verdes na colônia de Nova Veneza na década de 1930*. Criciúma: Unesc, 2004. Monografia de graduação. SABINO, Anselmo Teles. *As fileiras do integralismo em Araranguá (1934-1938)*. Criciúma: Unesc, 2005. Monografia de graduação.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomáz, 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 159.

ênfatizando que essa popularidade deu-se principalmente nas regiões de imigraçãõ européia: o Vale do Itajaí, o Norte do estado e também o Sul Catarinense. Destaca-se também a importância da imprensa na difusão da AIB. Através do estudo busca-se evidenciar a forte influencia das idéias fascistas em Santa Catarina na década de 1930.

O Integralismo em território barriga verde: sua estruturação nos municípios

Segundo René Gertz, a Ação Integralista Brasileira “começou a estruturar-se em Santa Catarina no início de abril de 1934, quando por iniciativa de Othon Gama D Eça, Antonio Portini e Carlos Seabra, se constituiu o primeiro núcleo em Florianópolis”.²⁰ Como já foi observado anteriormente, a AIB teve grande aceitação nas regiões em que se encontravam estruturadas muitas colônias alemãs e italianas. Com maior ou menor expressão, a AIB se organizou nos municípios de Blumenau, Joinville, Jaraguá, Rio do Sul, Brusque, Hamônia, Rodeio, São Bento, Timbó, Araranguá, Canoinhas, Criciúma, Campos Novos, Itajaí, Florianópolis, Lages, Laguna, Cruzeiro, Curitiba, Itaiópolis, São Francisco, Palhoça, Caçador, Chapecó, Urusanga, Campo Alegre, Imaruí, Mafra, São José, Tubarão, Concórdia, Orleans, Jaguaruna, Porto União, Tijucas, Parati e São Joaquim.²¹ Como se pode perceber, o Integralismo expandiu-se rapidamente por todo o estado, seu prestígio chegou a tal ponto que se difundiu a opinião de que as eleições presidenciais, previstas pela constituição brasileira para 1938, seriam vencidas com relativa facilidade.

Já para Luiz Felipe Falcão, o integralismo começou a ser organizado a partir de janeiro de 1934, quando “um pequeno grupo de homens reunidos em Itajaí, decidiu fundar um núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira”.²² Observa também que o integralismo chegou ao estado por diversos caminhos. A partir disso, traçou um perfil dos integralistas catarinenses, destacando três grupos: o primeiro formado por funcionários públicos militares ou civis, profissionais liberais, provinham de famílias conhecidas, gozaram de estabilidade financeira, estando entre a meia idade e a velhice, e se

²⁰ GERTZ. *O Fascismo...*, p. 179.

²¹ LENZI. Carlos Alberto S. *Partidos e políticas de Santa Catarina*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983, p. 122.

²² FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da UNIVALLI, 2000, p. 123.

achavam desiludidos com os destinos do país no pós-1930. Muitos deles ocuparam os principais cargos na estrutura estadual da AIB. São representativos deste perfil Othon Gama D Eça, chefe provincial, José Vieira da Rosa, chefe “arquiprovincial”, Carlos Remor, líder da AIB em Laguna, e Juventino Linhares, secretário do núcleo de Itajaí. No segundo grupo, estavam os pequenos proprietários e funcionários públicos com funções não tão lucrativas quanto os primeiros, descendentes de imigrantes alemães e italianos, com idade entre 20 e 30 anos, desiludidos também com os rumos da política do país no pós-1930, influenciados pelos fascismos europeus e receosos com o avanço comunista. Neste caso, são representativos deste perfil: Aristides Largura (inspetor de ensino do governo estadual), Carlos Brandes (proprietário de farmácia), ambos eleitos prefeitos nas eleições de 1936, o primeiro em Joinville e o segundo em Timbó. E ainda Ricardo Gruenewaldt (também proprietário de farmácia), que foi eleito vereador e presidente da câmara de vereadores em Jaraguá do Sul.

Um terceiro perfil integralista, e mais numeroso, encontrava-se entre os pequenos proprietários urbanos e rurais, descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses ou de outras origens, estabelecidos principalmente no Vale do Itajaí e no nordeste e sul do estado. Esses pequenos proprietários possuíam muito mais pontos em comum do que diferenças. Isso porque as cidades eram pequenas, havia uma intensa relação comercial entre campo e cidade, e as formas de organização comunitária: igreja, escola, sociedades de atiradores, os salões de baile, “reforçando a sensação de uma comunidade de interesses, pautada numa identidade de origem, num estilo de vida semelhante, e em aspirações e sonhos coincidentes”.²³ Contudo, para o autor, essa identidade de origem pode ser questionada quando observada a procedência dos imigrantes em termos de lugar e época, evidenciando uma diferenciação econômica, política e social, que avançava a passos largos. Pode-se acrescentar ainda as profundas diferenças no processo de colonização de Santa Catarina. As estruturas de poder em regiões como o Vale do Itajaí e do Sul do estado são muito diferentes.

²³ FALCÃO, *Entre o ontem e o...*, p. 130.

Na perspectiva de Gertz, “o integralista típico de Santa Catarina é uma pessoa jovem entre 30 e 40 anos em processo de ascensão social”.²⁴ Fundamenta seu argumento ao analisar o processo de crescimento industrial no estado, especialmente nas zonas de colonização. Aponta para uma relação de candidatos integralistas às eleições municipais de 1936 e seus opositores bem como os grupos ou as forças que os apoiavam. Destaca as funções e atividades econômicas que exerciam os respectivos candidatos. Assim, além da “característica etária, pode-se constatar uma clara assimetria socioeconômica entre integralistas e seus adversários. O cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias, enquanto a liderança dos seus opositores era exercida pelos elementos economicamente dominantes”.²⁵

De todo modo, tanto Falcão quanto Gertz não estão preocupados em propor um perfil definitivo dos grupos sociais que ingressaram na Ação Integralista Brasileira, e sim querem explicitar as motivações para a adesão.²⁶ Entende-se que para os dois autores

²⁴ GERTZ, *O fascismo...*, p. 197.

²⁵ *Idem*, p. 198.

²⁶ Sobre as motivações em nível nacional ver: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. Em seus estudos Héglio Trindade destaca algumas motivações para a adesão ao integralismo: o nacionalismo, corporativismo, valores espirituais, anticomunismo, valores autoritários, anti-semitismo, oposição ao sistema político vigente, desenvolvimento do país e simpatia pelos movimentos fascistas europeus. Destes motivos, quatro foram enfatizados pelo autor como principais: O Anticomunismo aparece como o principal motivo para a adesão ao integralismo. Embora os comunistas tenham adquirido forças surpreendentes principalmente no movimento sindical nos anos de 1920 e 1930, não tinham raízes no Brasil, sua força política foi muito secundária até o surgimento da Aliança Nacional Libertadora em 1935. Grande parte da importância dada a este motivo provém “da inspiração anticomunista dos fascistas europeus”. Como se sabe, a Rússia estava muito longe do Brasil, e aqui também não havia nenhuma tradição de discussão marxista. Já o fascismo estava ligado à negação do comunismo, tanto por opor-se à solução criada pela Revolução Russa para as crises do capitalismo (acabando com o próprio), como por ter sido influenciado pelo revisionismo marxista da virada do século XIX para o XX. O segundo motivo apontado por Trindade é a própria simpatia pelo fascismo europeu. A ascensão dos movimentos fascistas europeus, em especial o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália exerceu influência em parcela significativa dos aderentes integralistas. “Quando não havia uma atração pelos regimes fascistas, mostravam-se ao menos sensíveis à luta desencadeada pelos movimentos fascistas contra o liberalismo e o comunismo”. O tema do nacionalismo aparece como a terceira motivação para a adesão ao integralismo. Este estaria sempre presente “na ideologia, tanto no plano afetivo como no intelectual, tendo um papel central na radicalização nacionalista dos anos 30”. O movimento modernista, da década de 20, com seu nacionalismo literário provocou uma rápida politização” e o integralismo tornar-se-á a encarnação na extrema direita após a década de 30”. Explicita que não existiria nenhuma contradição ao dar maior importância aos dois motivos anteriores, pois “o nacionalismo é mais um estado de espírito, é uma atitude afetiva do que uma dimensão ideológica”. A oposição ao sistema político constitui-se na quarta motivação. O combate à democracia liberal, encarnado nas instituições republicanas era uma das principais preocupações da AIB. No que tange aos outros motivos, Trindade explicita que mesmo sendo representativos do universo ideológico integralista,

o grande número de adeptos do integralismo são provenientes de um mesmo perfil, pois se para Gertz “o cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias”²⁷, em Falcão o perfil da maioria dos integralistas se enquadra entre “os pequenos proprietários urbanos e rurais de descendência alemã, italiana, polonesa e outras procedências”.²⁸

Em 1932 foi lançado o “Manifesto de Outubro”, que criou a Ação Integralista Brasileira. Esse documento sintetizou os princípios do Integralismo.

Deus dirige o destino dos povos. O homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e o aperfeiçoam. O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da família, da pátria, da sociedade (...).

Os homens e as classes, pois, devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual. Cumpre que cada um se eleve segundo sua vocação. Todos os homens são suscetíveis de harmonização social e toda superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e suprema finalidade. Este é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes da nossa história e estará no íntimo de todos os corações (...).

A nação brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem Estados dentro do Estado; partidos políticos fracionando a nação; classes lutando contra classes; indivíduos isolados, exercendo pessoal ação nas decisões do governo; enfim todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro (...).

Precisamos de autoridade capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos, os estrangeiros, os grupos políticos exerçam influência nas decisões do governo, prejudicando os interesses fundamentais da nação (...).

não influenciaram significativamente nas adesões. CHAUI, Marilena. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1998. p. 133-135. Segundo Marilena Chauí, os primeiros anos do governo de Getúlio Vargas foram de indefinição gerando temores os mais distintos, especialmente entre os setores médios. Para a autora, entre 1930 e 1932 o país viveu uma crise conjuntural representada por três riscos: o fortalecimento das oligarquias regionais e o enfraquecimento do governo central, à volta a um governo central fraco tutelado pelas oligarquias regionais e por último o retorno da “demagogia parlamentar” ou a “ditadura arbitrária” de alguns. Havia também o medo dos setores médios do triunfo do comunismo. Em síntese temiam o separatismo das oligarquias e o internacionalismo dos trabalhadores. Apresentava-se como saída para crise conjuntural: o fortalecimento do Estado nacional considerando-o o único defensor da nação; controle das classes que se organizariam em corporações profissionais; voto corporativo; economia subordinada ao planejamento estatal; limites ao capital estrangeiro; combate ao comunismo; oposição às idéias estrangeiras fortalecendo a cultura nacional; implementar nas escolas em todos os níveis a brasilidade e o civismo; censura aos meios de comunicação e o disciplinamento da população para o trabalho e aos princípios da moral cristã. O discurso integralista respondia, à sua maneira, às inquietações que amplos setores da sociedade tinham do processo político.

²⁷ Idem, p. 197.

²⁸ FALCÃO. *Entre o ontem e amanhã...*, p. 129-130.

O cosmopolitismo, isto é, a influencia estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever (...).
E somos contra a influencia do comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania. Levantemo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de todo o que é útil e belo, no caráter e nos costumes brasileiros (...).²⁹

Pode-se inferir que no manifesto de 1932 encontram-se as idéias-força do Integralismo: a inspiração cristã na concepção de universo e do homem, o nacionalismo (anticapitalista e anticomunista), o princípio da autoridade que envolve hierarquia, confiança e respeito, a crítica à organização dos partidos políticos, a questão social, a família e a nação, vinculados a um Estado forte; o município como conjunto das famílias e célula da nação, e, finalmente, o Estado Integral. Sintetizando, podemos dizer que o manifesto de 1932 propõe o municipalismo, o sindicalismo corporativista, o antifederalismo, o nacionalismo tradicional e espiritualista voltado para a modernização a partir dos instrumentos proporcionados pelo Estado “revolucionário”, o estado Integralista.

No manifesto de outubro de 1932, lançado por Plínio Salgado³⁰, o integralismo entenderia o município como algo especial para seus fins. “O município é uma reunião

²⁹ MANIFESTO de outubro de 1932. Transcrito de *A Ofensiva*, de 28 de janeiro de 1936, p. 2 e 3.

³⁰ Sobre a biografia de Plínio Salgado ver: TRINDADE, Hégio. *Integralismo*,... ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução...*, p. 23; e FREITAS, Marcos César De. *O Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Ícone, 1998, p. 36. Já em 1911, após a morte de seu pai, ele é obrigado a abandonar seus estudos e mudar-se para São Paulo, tendo uma estada marcada por dificuldades. Foi por essa época que teve o primeiro contato com autores que influenciaram seu pensamento. Nesta fase de sua vida, leu as obras de Lamark, Spencer, Haeckel e também Le Bon. De volta a São Bento de Sapucaí, na sua terra natal, em 1913, passou a desempenhar várias atividades, empregando-se como professor, jornalista, dirigindo um grupo teatral, um clube de futebol e o tiro de guerra local. Sua propensão para a vida pública vai se confirmar em 1928, quando participou da fundação do partido municipalista, sua primeira opção política, destinada a defender os interesses dos municípios. Neste mesmo ano, Plínio casa-se com Maria Amália Pereira. O casamento teve curta duração, pois sua esposa morreria em seguida, deixando uma filha com apenas 14 dias. A morte da esposa provocou uma profunda crise espiritual em Plínio, que se voltou para a religião. Neste momento, Plínio entrou em contato com os pensadores católicos: Farias Brito e Jakson de Figueiredo, autores declaradamente antispencerianos e antipositivistas. Assim, o contato com o materialismo positivista e a ligação com o espiritualismo católico, tendências que caminham em direções opostas, constituirão como ponto de partida para a síntese ideológica que Plínio vai elaborar nos anos de 1930. Ao voltar para São Paulo, Plínio terá uma participação discreta na *Semana da Arte Moderna* de 1922. No entanto, com a publicação de *O Estrangeiro*, em 1926, transformou-se em um dos intelectuais mais importantes do movimento. Ainda em 1926, Plínio passou a integrar a tendência nacionalista do modernismo, ligando-se, primeiro, ao grupo Verde Amarelo e, mais tarde, ao da Anta. Tendência que vai polemizar, principalmente, com Oswald de Andrade, militante do grupo modernista rival, o movimento Antropofágico. Essas polêmicas podem ser tomadas como um testemunho da importância de Plínio no modernismo. Antes mesmo dos

de famílias”³¹, é a “sede das famílias e das classes, será administrado com honestidade, será autônomo e estará diretamente ligado aos desígnios nacionais”.³² Esta origem do município centrada na família queria torná-lo autônomo em tudo o que dissesse respeito aos seus interesses peculiares. A família com suas virtudes e liberdade moral seria o sustentáculo dos municípios. Sua autonomia impediria a ingerência, a influencia de forças externas. Através da manutenção da autoridade moral do município, o integralismo conseguiria subordinar aos interesses da Região ou da Nação tudo aquilo que se relacionasse com serviços de caráter geral e técnico.³³ Vê-se aqui a importância dada à família na organização social e política da AIB. Esta certamente influenciou na difusão e criação dos núcleos e sub-núcleos municipais, pois diferenciando-se dos partidos tradicionais, na AIB todos os membros da família participavam na sua organização.

Quanto à estruturação do sigma em Santa Catarina, configurou-se a partir da criação dos primeiros núcleos (Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinville, Lages), e, posteriormente, a chefia integralista dividiu o estado em várias regiões, e em cada uma

episódios que conduziram Vargas ao poder, em viagem à Europa, Plínio Salgado teve a oportunidade de meditar sobre a política brasileira e de conhecer boa parte da literatura política que circulava no velho mundo, naquele momento. Mais importante, porém, foi sua passagem pela Itália, onde conheceu de perto o fascismo, chegando a encontrar-se com Mussolini, convencendo-se da necessidade de construir uma proposta de ação política para a renovação e a modernização da vida política brasileira. De volta ao Brasil, em São Paulo, teceu críticas ao movimento que levou Vargas ao poder, considerando-o um perigo liberal-democrático. Em 1931, fundou o jornal *A Razão*, diariamente apresentava editoriais que davam visibilidade à sua doutrina política. Neste momento, contraditoriamente, também passou a apoiar o movimento de 1930, dirigindo ao presidente Vargas notas intituladas “Diretrizes à Ditadura”. Plínio argumentava que o movimento de 1930 implodiu a democracia de fachada que predominava até então. Mesmo assim, Vargas não abriu espaço para Plínio em seu governo. A eclosão do movimento de 1932, em São Paulo, organizada pelo Partido Republicano Paulista (PRP), acusou Plínio Salgado de correligionário de Vargas. Isso levou ao empastelamento do jornal *A Razão*. A partir de então, Plínio Salgado passou a articular uma ação política que fosse capaz de envolver as massas em torno de um projeto nacional. Acreditando que naquele contexto o clima político brasileiro estava propício a aceitar suas idéias, fundou, em 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que passou a sistematizar o conteúdo de uma doutrina.

³¹ MANIFESTO de outubro de 1932. Transcrito da *ofensiva*, de 28 de janeiro de 1936, p. 10.

³² MANIFESTO de outubro de 1932. Transcrito da *ofensiva*, de 28 de janeiro de 1936, p. 10.

³³ CHAUI, *Ideologia e Mobilização...*, p. 135-137. A ausência de uma identidade nacional levou à percepção da necessidade de criação de uma consciência nacional homogênea. Ora, neste contexto o integralismo apresentava-se como o movimento que despertaria a nação em busca da sua identidade. O integralismo apresentava um programa que passaria pela criação da autoridade e do espírito de disciplina com organização de uma hierarquia social partindo da família e do município, passando pelo sindicato e pela corporação, alcançando as regiões chegando ao topo do estado e sua burocracia. A nação era desenhada em miniatura na organização do partido, antecipando a forma que a nação deverá assumir.

dessas regiões havia um “governador regional”. Nessas regiões³⁴, estaria o município ou os municípios em que o sigma estivesse organizado.

³⁴ KUEHNE, João. *O punhal nazista no coração do Brasil: o integralismo nazi-fascista em Santa Catarina*, p. 128.

Regiões	Cidade ou Cidades
Especial	Florianópolis
1 ^a	São José, Palhoça, Biguaçu
2 ^a	Brusque, Nova Trento
3 ^a	Blumenau, Hamônia, Timbó
4 ^a	Rio do Sul, Bom Retiro
5 ^a	Joinvile, Campo Alegre, São Francisco, Parati
6 ^a	Jaraguá, São Bento, Mafra, Itaiópolis
7 ^a	Canoinhas, Porto União
8 ^a	Concórdia, Cruzeiro
9 ^a	Chapecó
10 ^a	Lages, São Joaquim
11 ^a	Araranguá, Criciúma, Urussanga, Nova Veneza
12 ^a	Tubarão, Orleans, Jaguaruna
13 ^a	Laguna, Imaruí, Imbituba
14 ^a	Itajaí, Camboriú
15 ^a	Caçador, Campos Novos, Curitibanos

É possível observar no quadro acima que o sigma estava organizado em praticamente todo o estado, pois dos quarenta e três municípios existentes na época, os integralistas já tinham núcleos e sub-núcleos em trinta e nove. Esse dado revela a rápida expansão da AIB pelo estado. Para o controle em todos esses municípios, a chefia provincial contava com uma estrutura hierárquica extremamente rígida formada por “secretários provinciais de: corporações e serviços eleitorais, finanças, estudos, assistência social, propaganda, educação, cultura artística, imprensa, arregimentação feminina e Plinianos e o chefe de gabinete da chefia provincial”.³⁵ E nos municípios o sigma procurou também implementar esta mesma estrutura através dos secretários municipais. Essas

³⁵ KUEHNE, *O punhal nazista no coração do Brasil...*, p. 129.

práticas faziam parte das organizações políticas que geralmente se estruturam hierarquicamente e criam estratégias para enquadrar eficazmente seus militantes.

A organização integralista, entretanto supera esta função meramente estrutural; além da estrutura vertical e rígida, sob o controle de organismo de enquadramento e socialização ideológica, a AIB incorporou uma nova dimensão capaz de transformar a organização na pré-figuração do Estado Integral. O tipo de organização, as relações entre o chefe e os diversos órgãos estabelecem as bases de uma estrutura estatal. Portanto, a organização da AIB é não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento da elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integralista.³⁶

Dentro desta estrutura, a imprensa integralista desempenhou um papel fundamental no processo de difusão e arregimentação de novos adeptos. No estado, a doutrina do sigma era difundida através de periódicos publicadas em vários municípios. Em Joinville, os jornais integralistas eram o *Anauê* (1934-1937); o *Pliniano* (1935) e *Die Zukunft* (1934-1937); Florianópolis contava com dois jornais integralistas, o *Flama* (1935) e o *Flama Verde* (1936-1938); em Blumenau apenas um, foi constatado, o *Alvorada* (1935-1937); em Jaraguá do Sul, o *Jaraguá* (1934-1938); em Lages, o *Mocidade*, (1935); e em Laguna *A Voz do Sul* (1935).

Dos periódicos acima citados, *Die Zukunft* está com uma coleção muito precária. O *Flama*, *Mocidade*, o *Pliniano* e *A Voz do Sul* não foram localizados. Sabemos de sua existência, pois eles aparecem citados em outros periódicos não integralistas. E o caso de *A Voz do Sul*, representante do sigma em Laguna, teve seu lançamento amplamente divulgado no *Correio do Sul*.

Surgiu terça feira finda, o primeiro número semanário *A Voz do Sul*, órgão do movimento integralista nesta região. Esse jornal, obedece à direção dos inteligentes jovens, Nunes Varela, acadêmico de Direito; e Aurélio Grott, secretário do Ginásio Lagunense. Quando foi nesta cidade, da fundação desse hebdomadário, discursaram em sua redação os Srs. Jornalista Jan Guedes, Antonio Guimarães Cabral e o acadêmico Armando Calil. O Sr. Nunes Varela agradeceu comovido, em nome de seus companheiros de trabalho, todas as homenagens prestadas pelos visitantes, naquele dia de vitória e de contentamento para os integralistas.³⁷

³⁶ TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo. Difusão Européia do Livro: Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 181.

³⁷ *Correio do sul*, Santa Catarina, 21 de julho de 1935. Ano IV, nº 187, p. 3. Observa-se que o jornal integralista *A Voz do Sul* estava sob a direção de um luso-brasileiro e um teuto.

A AIB também contava com vários periódicos simpatizantes do movimento, neles difundiam a sua doutrina e teciam críticas aos seus adversários, principalmente os comunistas. Entre estes periódicos estavam *O Farol* (1934-1936), Itajaí, *O Progresso* (1934-1937), Brusque, *Jornal de Joinville* (1934-1937), *Joinvillenser Zeitung* (1934-1937), Joinville, *Blumenauer Zeitung* (1934-1937), Blumenau, o *Correio do Sul* e o *Albor* em Laguna. O apoio que o sigma encontrou nesses periódicos, em alguns casos, extrapolava o espaço de divulgação da doutrina, pois em Laguna “os números da *A Voz do Sul*, órgão do movimento integralista local, serão conforme contrato estabelecido, impressos nas oficinas gráficas”³⁸ do jornal *Correio do Sul*, “sendo porém a sua redação e administração na praça Conselheiro Mafra nº 33”.³⁹ Esses periódicos integralistas e de apoio foram significativos no processo de expansão do sigma no estado.

A grande difusão e aceitação por vários setores da sociedade catarinense possibilitaram a AIB constituir-se uma das principais forças políticas no Estado. Isso ficou evidenciado nas eleições municipais de 1936, o Integralismo elegeu oito prefeitos, sendo dois deles nos maiores e mais ricos municípios do Estado na época: Blumenau e Joinville. Além disso, foram eleitos 72 vereadores.

Procurou-se demonstrar o processo de implantação da AIB no estado ocorrido a partir de 1934, sua rápida estruturação nos municípios, os vários periódicos fundamentais na difusão e arregimentação de simpatizantes e militantes, bem como os setores nos quais a ideologia integralista teve maior penetração. Ao demonstrar o rápido crescimento da AIB em Santa Catarina fica evidenciada uma cultura política extremamente conservadora no Estado.

³⁸ *Correio do sul*. Laguna, 28 de julho de 1935. Ano IV, n.188.

³⁹ *Correio do sul*. Laguna, 28 julho de 1935. Ano IV, n. 188.